

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA AFRICANA NA TRANSMISSÃO DA CULTURA NO ENSINO MÉDIO NO BRASIL

p. 78-85

Maria José Alves
Alexandre António Timbane

Resumo

Partindo do pressuposto de que os efeitos da colonização branca na África foram profundos e danosos, a pesquisa busca através da leitura crítica e comparativa de *O mundo se despedaça* (2009), de Chinua Achebe e *Hibisco roxo* (2011), de Chimamanda Adichie apontar a presença de aspectos sócio-históricos e culturais dos povos da África. Para tanto, objetiva comparar as obras sob ponto de vista literário; levantar aspectos importantes da cultura e tradições africanas; discutir metodologias de ensino de literatura entre jovens e adolescentes das escolas de ensino médio brasileiras. Utilizando o método bibliográfico se chegou à conclusão de que a consequência da aculturação colonial mudou o destino dos africanos. A sala de aula é um espaço de debate, de informação e troca de conhecimentos que visam conhecer a África e os africanos que contribuíram para a formação do povo brasileiro.

Palavras-Chave: Literatura africana. Ensino. Cultura. Educação.

Abstract

On the assumption that the effects of white settlement in Africa were deep and harmful, the research seeks through critical and comparative reading of *O mundo se despedaça* (2009) of Chinua Achebe and *Hibisco roxo* (2011) of Chimamanda Adichie point to the presence of socio-historical and cultural aspects of the people of Africa. Therefore, objectively compare the works in literary point of view; raise important aspects of African culture and traditions; discuss literature teaching methodologies among youth and adolescents of high school Brazilian schools. Using the literature method came to the conclusion that the result of colonial acculturation changed the fate of Africans. The classroom is a place of debate, information and exchange of knowledge aimed at meeting Africa and Africans who contributed to the formation of the Brazilian people.

Key words: African Literature; Teaching; Culture; Education.

Introdução

Em todas as culturas, a escola é o espaço fundamental para a formação dos futuros dos membros da comunidade. Essas ações educativas, sejam elas tradicionais ou modernas, tem um papel fundamental com vista a criar novas formas de percepção do mundo. A literatura e a oratura (termo

usado por Salvato Trigo para designar a literatura oral ou narrativas de tradição oral, como veremos mais adiante) tem tido grande importância na formação de ideias e de pensamentos, na educação e na preservação dos valores culturais e étnicos.

O presente estudo pretende estabelecer pontos

1- Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Goiás.

2- Universidade Federal de Goiás, Professor e pesquisador Visitante Estrangeiro. Pós-doutor em Estudos Ortográficos, Pós-Doutor em Linguística Forense, Doutor em Linguística e Língua portuguesa, Mestrado em Linguística e Literatura Moçambicana, Licenciado em Ensino de Francês

em comum entre duas obras dos escritores nigerianos Chinua Achebe e Chimamanda Ngozi Adichie, em *O mundo se despedaça* e *Hibisco roxo*, respectivamente, em que os autores evidenciam aspectos da aculturação sofrida pelo povo africano, fazendo perceber experiências vivenciadas pelos africanos nas suas práticas culturais e tradições. É impossível dissociar essas experiências em textos africanos, pois a cultura persegue o autor de todas as formas, até porque o seu mundo é aquele que o rodeia.

Essas duas leituras nos possibilitam conhecer os efeitos que as nações colonizadoras deixaram na cultura dos países colonizados, mais especificamente na Nigéria, permitindo, assim, uma análise de diversos aspectos, como política, filosofia, artes, e principalmente a questão da religiosidade. O livro *O mundo se despedaça*, lançado no Reino Unido em 1958 com o título *Things Fall Apart* foi traduzido e publicado no Brasil, em 2009, pela editora Companhia das Letras e *Hibisco roxo* ou *Purple hibiscus*, título originalmente lançado em 2003, em língua inglesa, foi publicado no Brasil em 2011, também pela mesma editora.

Pode-se perguntar que relação existe entre a literatura africana e o ensino juvenil no Brasil? O interesse por essa temática surgiu, inicialmente, com a leitura de Achebe que apresenta o choque provocado pelo contato das culturas do povo ibo da Nigéria com a chegada do homem branco, vindo da Inglaterra para colonizar suas terras, impondo religião e credo, evidenciando, de forma gritante, a intolerância religiosa. Em segundo lugar, as leituras das duas obras fizeram nos refletir sobre a importância do conhecimento através da divulgação da história e da cultura africanas no contexto brasileiro, principalmente em razão da nossa miscigenação, formada por uma diversidade de etnias do mundo, incluindo a africana. A Lei 10.639/03 versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressaltando a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Essa questão não só deve ser tarefa dos professores de história, mas também dos professores de literatura, uma vez que essa cultura é riquíssima em tradições e realidades bem pouco conhecidas e exploradas pelos brasileiros. Isso é o que designaríamos por interdisciplinaridade.

O texto literário, ao nosso ver, pode ser um instrumento fundamental na divulgação de aspectos que unem os brasileiros e os povos

africanos, bem como as suas diferenças, que, de certa forma, voltam a unir-nos como nações, como seres humanos que têm necessidade de desenvolver a solidariedade uns com os outros. A pesquisa tem por objetivos: (a) comparar as obras *O mundo se despedaça* e *Hibisco roxo* sob o ponto de vista literário; (b) levantar aspectos importantes da cultura e tradições africanas; (c) discutir metodologias de ensino e divulgação dessas tradições e culturas em jovens e adolescentes das escolas da educação básica brasileira.

A pesquisa levanta questões inerentes ao ensino da literatura entre jovens e adolescentes ligando-se à cultura e as tradições. Primeiramente, se aborda questões da oralidade como ponto de partida para transmissão da cultura. Nessa parte, discute-se as complexidades dos conceitos de oratura versus literatura. Procurou-se falar da importância do estudo dos contos africanos em sala de aula como instrumento importante para a partilha de cultura. Em seguida apresentou-se, de forma separada, as análises dos dois romances: *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe e *Hibisco Roxo*, de Chimamanda Ngozi Adichie. Mais adiante, identificou-se marcas linguísticas em contos africanos e debates sobre como ensinar a literatura africana de forma a reconhecer sua identidade cultural e linguística. O trabalho termina com a apresentação das considerações finais e referências bibliográficas.

1. A oralidade como o ponto de partida da transmissão da cultura

Os povos africanos, na sua maioria, são de tradição oral, o que significa que a transmissão das culturas, das tradições e dos modos de ser e de estar em sociedade são transmitidos pela oralidade. É sabido que a escrita surgiu no Egito há 3000 anos a.C, mas não influenciou os povos, nem as línguas do grupo bantu, localizados geograficamente na região central e sul do continente africano.

A importância dos mais velhos nas tradições africanas, em especial dos povos do grupo bantu, se dá, principalmente, porque são eles que passam a bagagem de conhecimentos acumulados ao longo da vida para as novas gerações. Os contos são, sem dúvida, o ponto de partida para essa troca de conhecimentos culturais. O ensinamento se baseia em uma história, ou um conto, do qual se extrai a moral, quer dizer, o conhecimento.

Contrariamente aos contos oralizados, em sociedades que possuem a escrita, as formas de transmissão dos conhecimentos encontram-se mais ou menos mediatizadas. Segundo (NUNES, 2009, p. 39) “a transmissão de valores e conhecimentos já não é mais feita a partir do núcleo familiar, mas a instrução é partilhada por diferentes entidades (família, escola, meios de comunicação social e outras).”

Toda a oratura não tem dono, quer dizer, as histórias e os contos não têm autoria, atitude que contraria os princípios da literatura, onde cada autor se identifica e toma posse das estórias inventadas. Enquanto a primeira possui público específico (jovens e crianças) e exige a presença física dos ouvintes, a segunda atinge público distante e não são previsíveis os futuros leitores, nem a sua faixa etária. O contador de histórias certifica (em presença) a compreensão do conto ou vai tirando dúvidas e incompreensões, enquanto que o texto escrito pode ser interpretado de formas diversas dependendo da instrução, da cultura ou das influências do leitor.

Os contadores não têm a possibilidade de criar palavras novas (neologismos) enquanto que os escritores tem mais tempo para pensar, inventar e colocar os seus estilos nos textos. Os textos produzidos oralmente são sujeitos a mudanças (acréscimos ou omissões) segundo os objetivos do contador, enquanto que na literatura se mantém fiel ao texto original do autor com o fim e a moral pré-determinada. É importante notar que a cultura africana é única, social, e oralizada no pensamento, o que significa que o discurso é falado no cérebro. Desta forma se entende que a voz e a imagem constituem um ponto de partida de nossa narrativa oral.

2. A oratura versus literatura: perspectivas opostas

O conceito de literatura já é muito bem compreendido pelo público brasileiro. Mas a palavra “oratura” nem tanto. Segundo Souza (2007), a literatura é

o conjunto da produção escrita de uma época ou país, ou melhor, é o conjunto de obras distintas pela temática, de origem ou de público visado. Pode-se dividir em: infanto-juvenil, de massa, feminina, de ficção científica, entre outros. Existe uma literatura de áreas específicas do saber, como por exemplo: literatura médica, literatura jurídica, literatura sociológica, e

por aí em diante. (SOUZA, 2007, p.45).

A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, “depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar.” (CARDOSO, 2006, p.53).

Por outro lado, a oratura é o conjunto das obras sem autoria, que são criadas e difundidas por anônimos, e que servem de instrumentos de educação cívica e moral das sociedades. Todas as sociedades possuem histórias e contos que passam mensagens sobre as regras de ser e de estar numa determinada sociedade. São inclusas neste grupo “três grandes gêneros: formas e jogos de língua (provérbios, ditos, adivinhas, orações, lengalengas, etc.), formas narrativas (contos, lendas e mitos), formas dramáticas e musicais (teatro popular, cantigas e romances).” (NUNES, 2009, p.35).

Para Nunes (2009, p.35), constata-se que a oralidade e a escrita são dois processos diferentes de produção e transmissão da própria tradição que, não raras vezes, interagem, visto que muitos textos, antes de circularem oralmente, já tiveram um registro escrito, e o contrário também se observa. “Em algum momento, textos da oratura são coletados e publicados na forma escrita, passando assim da oratura para literatura.” (NUNES, 2009, p.35). Na realidade o escritor não parte do nada. Ele pertence a um povo que tem uma cultura e tradição. Esses aspectos sempre se farão sentir em seus textos, querendo ou não. Daí que algumas realidades vividas na comunidade, alguns contos ouvidos na oratura podem se fazer sentir na literatura, direta ou indiretamente.

3. O estudo dos contos africanos em sala de aula

Pela nossa experiência como professores (em Moçambique e no Brasil) entendemos que os contos são um potente material para divulgação das realidades de diversas sociedades. Os autores desses materiais jamais se desligam da sua cultura, mesmo se a história for fictícia ou imaginária, como tem sido na maioria dos casos. Olhemos a sala de aula como espaço rico para formação de mentes pensantes e espaço de troca de conhecimentos e aprendizagem da descoberta do mundo. Se

assim refletirmos, teremos a oportunidade de compreender que a presença do conto em sala de aula é um potencial instrumento para a transmissão de valores que nem são reportados pela mídia e pelos manuais escolares (livros de história).

Isso significa que devemos estar atentos à diversidade que é encontrada dentro das nossas salas de aula, em razão da nossa formação histórica, e também considerando o número de refugiados pelo mundo que, de forma humanitária, nos convoca a participar e acolher, tendo em vista que o Brasil é signatário dos principais tratados internacionais de direitos humanos. Também fazemos parte da Convenção das Nações Unidas de 1951, sobre o Estatuto dos Refugiados e do seu Protocolo de 1967, tendo, inclusive, o Brasil, promulgado em julho de 1997, a sua lei de refúgio (nº 9.474/97), contemplando os principais instrumentos regionais e internacionais sobre o tema. (UNHCR/ACNUR, 2016). Tudo isso reforça nosso papel de promover uma educação que não vire as costas para esse encontro de pessoas, com vistas a cultivar o respeito e a solidariedade, como lembra Nunes (2009, p.26):

Numa sociedade multicultural como a nossa (embora variando de cidade para cidade, de escola para escola), o reconhecimento e o respeito pelas necessidades individuais de todos os alunos (portugueses e outros) em contexto de diversidade e pelas necessidades específicas dos alunos recém-chegados ao sistema educativo nacional devem ser assumidos como princípio fundamental na construção de projectos curriculares adequados a contextos de diversidade cultural. (NUNES, 2009, p. 26)

Segundo Cardoso, a função principal dessa educação das tradições em contos “deriva da elaboração de um sistema simbólico, que transmite certa visão do mundo por meio de instrumentos expressivos adequados.” (CARDOSO, 2006, p.36). Esse aspecto mostra como as pessoas exprimem as suas representações individuais e coletivas que transcendem a situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio do grupo, como um todo.

Na perspectiva de Martins (2006, p.84), “é fundamental que a leitura literária seja abordada na escola, tendo em vista as contribuições da teoria da literatura, as quais certamente podem facilitar a interação do leitor com o texto literário”. Vários autores, como Pinheiro (2006), apontam que houve evolução dos livros didáticos nos últimos anos, embora a maior parte das páginas devesse

ser ocupada por textos literários e não por fotos. Pinheiro propõe que o professor conheça a realidade social e cultural dos seus alunos, e a partir desse conhecimento indique leituras que possam atender à expectativa dos mesmos. (PINHEIRO, 2006).

Nos textos das duas obras que vamos analisar mais adiante são mostradas experiências humanas diferentes da vivência do leitor brasileiro, e dão maior importância às tradições locais. É importante que o aluno brasileiro tenha contato com obras de outras nações, pois isso ajuda no enriquecimento cívico. Ao nosso ver, deve-se pensar estratégias para o ensino da literatura na escola, de forma que haja o letramento literário defendido por autores como Cosson (2006). Assim, os alunos deixarão de ler textos apenas para fazer vestibular ou mecanicamente, para aprender a escrever, e passarão a cultivar o gosto pela verdadeira leitura e consumo literário.

Concordamos com a ideia segundo a qual o texto literário é plural e é marcado pela inter-relação entre diversos códigos (temáticos, ideológicos, linguísticos, estilísticos etc.), devendo ser trabalhado de forma a fazê-lo estabelecer interação entre a literatura e outras áreas que se relacionam no momento da constituição do texto. Defendendo esse letramento literário, Machado (2010) conclui, mostrando como pode ser feito

Portanto, ao receber os alunos para a aula de Literatura, o professor deve, como tarefa primordial, criar, dentro de sua sala de aula, interatividade, de tal forma que possa aguçar o interesse desses jovens aprendizes pela leitura, já que vivemos em um mundo onde a televisão, o videogame, o computador e o shopping center estão cada vez mais conquistando espaço dentre os afazeres diários da criança, do adolescente e até mesmo do adulto, tornando a concorrência perante a leitura, cada vez mais acirrada. (MACHADO, 2010, p.51).

Os argumentos de Machado revelam o que é prática cotidiana no mundo. A maioria das pessoas que nunca vieram ao Brasil imagina que no país só tem samba, gente dançando de todo lado, jogando futebol e sem pobreza nenhuma. Essa ideia é passada pela mídia conservadora que tenta passar uma imagem paradisíaca, num país que tem problemas como qualquer outro. A falta de leitura muitas vezes leva-nos para um mundo imaginário produzido pela mídia. Silva (2003, p.515) é outra autora que também orienta para esse cuidado que a escola e seus professores devem

promover para o correto trabalho com a leitura:

O papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo. Contudo, na prática, essa noção ainda parece perder-se diante de outras concepções de leitura que ainda orientam as práticas escolares. Na escola, a leitura é praticada tendo em vista o consumo rápido de textos, ao passo que a troca de experiências, as discussões sobre os textos, a valorização das interpretações dos alunos tornam-se atividades relegadas a segundo plano. A quantidade de textos “lidos” (será que de fato são “lidos” pelos alunos?) é supervalorizada em detrimento da seleção qualitativa do material a ser trabalhado com os alunos. (SILVA, 2003, p.515).

A sala de aula foi e continua sendo o espaço onde professores e alunos trocam experiências relacionadas ao processo ensino-aprendizagem, sendo assim, antes de o educador partir para teorias e clássicos da literatura, precisa, acima de tudo, fazer com que os alunos adquiram gosto pelas letras, descobrindo assim, o que elas podem lhes proporcionar. (MACHADO, 2010, p.51). Desta forma, apontamos os dois romances de autores nigerianos como materiais capazes de promover essa interação entre professor e alunos, e entre alunos e sociedade, como veremos na seção a seguir.

4. Análise do romance “O mundo se despedaça”, de Chinua Achebe

A obra narra a história do guerreiro do Okonkwo, da etnia igbo, estabelecida no sudeste da Nigéria, às margens do rio Níger, que supera a herança paterna de fracasso e pobreza e torna-se um membro respeitado na tribo ibo ao travar importante luta contra Amalinze, o Gato, “campeão invicto durante sete anos em toda a região de Umuófia a Mbaino” (ACHEBE, 2009, p. 23), conquistando, assim, respeito e admiração. A partir daí vai desenhando uma história de luta e valentia, de heroísmo e fidelidade às normas de conduta da tribo de Umuófia, e também sua faceta de temperamento violento, governando sua família com mão pesada.

A narrativa, à medida que conta a história desse “homem que se fez forte no adubo íntimo da fraqueza e quem o medo de ser débil finalmente derrota” (SILVA, 2009 apud ACHEBE, 2009, p.5), retrata a desintegração gradual de sua tribo, em virtude da chegada do colonizador branco. A cultura de seu povo, inclusive sua

crença, é colocada em xeque pelos missionários britânicos que trazem consigo o cristianismo, uma nova forma de governo e a força da polícia.

Assim, o capítulo dezesseis começa com a narração da chegada dos missionários à Umuófia, mostrando as ações praticadas por esses estrangeiros: construção de igrejas, prática de conversões, envio de catequistas às cidades e aldeias vizinhas para disseminação da religião branca. Toda essa prática causa, inicialmente, desconforto e agitação nas aldeias por onde passam pois saltam, aos olhos do clã, as novas práticas.

A chegada dos missionários causara considerável agitação na aldeia de Mbanta. Eram seis ou sete; um deles, um homem branco. Todos os homens e mulheres da aldeia saíram de suas casas e vieram ver o homem branco. Quando o povo estava todo reunido, o homem branco começou a falar. Comunicava-se com a ajuda de um intérprete, que também era ibo, embora seu dialeto fosse diferente e soasse desagradável aos ouvidos do povo de Mbanta. (ACHEBE, 2009, p. 164)

Ao impor sua presença e pregar uma nova crença, em torno de um único Deus, missionários europeus dão início a um processo de desestabilização gradual dos costumes do clã igbo, pois contraria a fé nas forças anímicas, questionando e negando a sabedoria dos antepassados dessa tribo nigeriana, conforme podemos constatar nos diálogos de confronto entre representantes do colonizador (missionário) e dos colonizados (tribos). “Desde o momento em que o homem branco mencionou a intenção de ir morar na aldeia todos começaram a falar entre si, excitados. Não haviam pensado em tal possibilidade.” (ACHEBE, 2009, p. 166)

Com a adesão de Nwoye, filho de Okonkwo, à religião dos homens brancos, fica destacada também não apenas uma mudança de credo, mas para seu pai, um ibo tradicional, tratava-se de uma soma de abominações, pois significava a aniquilação da ancestralidade de sua família, considerando que, para muitos povos africanos, os mundos dos vivos e dos mortos estão interligados no dia a dia pelos rituais que garantem essa harmonia ou amenizam alguns conflitos sob esse mundo.

[...] Okonkwo [...] Via nesse fato, com clareza, o dedo de seu deus pessoal, ou chi. Pois se não fosse isso, de que outra maneira explicar seu grande infortúnio, o exílio e, ainda por cima, o comportamento indigno do filho? Agora que tinha tido tempo para pensar no caso, o crime do filho destacava-se ainda

mais em sua rematada enormidade. Ter abandonado os deuses do próprio pai e sair por aí com um bando de sujeitos efeminados, a cacarejarem como galinhas velhas, era atingir as profundezas da abominação. (ACHEBE, 2009, p. 174).

Essa sucessão de desconstrução se estende também à política, pois gradualmente vão ouvindo rumores da presença de um governo e sua justiça sendo praticada através de espancamentos e enforcamentos, com a finalidade de proteção ao proselitismo religioso, prendendo todos que ofendessem a lei do homem branco. Além da igreja, os homens brancos trouxeram também uma forma de governo. Tinham construído um tribunal, onde o comissário atuava como juiz.

[...] Tomavam conta da prisão, que estava cheia daqueles que haviam ofendido a lei do homem branco. [...] eram espancados na prisão pelos kotma e obrigados a trabalhar, todas as manhãs, na limpeza do compound do governo e a apanhar lenha para o comissário branco e para os guardas. (ACHEBE, 2009, p.177).

Em *O mundo se despedaça*, a obra mostra o primeiro contato com a fé do homem branco, podemos refletir sobre formas de assimilação. Por que alguns resistem à invasão, ao processo de aculturação, ao passo que outros a acolhem sem resistência? Chama a atenção a forma como alguns tomam essas mudanças inseridas pelo homem branco como verdade universal, ao passo que outros a questionam e por vezes não a aceitam.

Os estudos de Bonnici (2009) refletem sobre a identidade, afirmando que as identidades tornam-se instáveis e locais na diferença nas relações de poder. Consequentemente, a identidade é constantemente negociada e construída, intimamente ligada à globalização, ou seja, no entremeio entre as condições globais e as situações locais. (HALL, 2003). Assim, podemos observar que os sujeitos são seres fragmentados, compostos não de uma única identidade, mas de várias formações, que são contraditórias e complexas, fazendo nos crer que os indivíduos assumem identidades diferentes a cada momento, sendo estas continuamente deslocadas.

Apesar de as identidades serem múltiplas, contraditórias e flutuantes, é por meio das representações sociais e dos significados produzidos a partir delas, que damos sentido às nossas experiências e àquilo que somos; ou seja, os significados perpetuados na sociedade

perpassam e interferem para construção de nossas (múltiplas) identidades (CARVALHO, 2010). Daí, constatarmos, a partir da personagem Okonkwo que, ao primeiro contato com o colonizador, sente rejeição, mas seu filho, pelo contrário, fica fascinado pela nova cultura que lhe desperta interesse, por variados motivos, fazendo-nos questionar as diferentes identidades e as causas dessas singularidades, ou dos diferentes posicionamentos.

5. Análise do romance “Hibisco Roxo”, de Chimamanda Ngozi Adichie

Os efeitos da colonização branca na África foram bastante penetrantes e devastadores, e, por isso mesmo, Adichie nos convida a conhecer o resultado do despedaçamento de uma religião levada ao extremo em nome de um catolicismo branco que buscou de todas as formas sepultar as tradições consideradas por ele como bárbaras e profanas. A protagonista Kambili é quem nos mostra toda tirania, entremeada com altruísmos, praticados por seu pai, Eugene, um grande capitalista, famoso industrial nigeriano que inferniza e destrói lentamente a vida de toda a família. O pavor de Eugene às tradições primitivas do povo nigeriano é tamanho que ele chega a rejeitar o pai, contador de histórias encantador, e a irmã, professora universitária esclarecida, temendo o inferno.

Enquanto Kambili narra as aventuras transformadoras de sua família é apresentado também um retrato da realidade política, educacional e social de seu país, vivendo uma mistura de credos nativos e importados, censura, opressão política e principalmente a penetração poderosa do catolicismo na moral local. A leitura da obra permite antecipar o “começo do fim” ou o despedaçar do mundo da narradora personagem Kambili com a impactante frase “as coisas começaram a se deteriorar lá em casa quando meu irmão, Jaja, não recebeu a comunhão, e Papa atirou seu pesado missal em cima dele e quebrou as estatuetas da estante” (ADICHIE, 2011, p.9).

6. Semelhanças entre os dois romances

Para atingir seus objetivos praticam verdadeira tirania, inclusive com seus filhos e esposas. Okonkwo, mesmo após conviver por anos com Ikemefuna, um rapaz que lhe foi dado como troféu pelo cumprimento de uma tarefa, em

nome da tradição, corta-lhe a cabeça.

Quando o homem que pigarreou se adiantou, erguendo o facão, Okonkwo virou o rosto para o outro lado. Ouvia o golpe. A cabeça caiu e partiu-se na areia. Escutou Ikemefuna gritar – Meu pai, eles me mataram! – enquanto corria na sua direção. Estonteado pelo medo, Okonkwo desembainhou seu facão e o abateu. Temia ser considerado um fraco. (ACHEBE, 2009, p. 80).

Também são relatados vários momentos de violência contra suas esposas. Num desses relatos, por que sua segunda mulher cortara folhas de uma bananeira, ele usa esse pretexto para desencadear sua raiva por não ter nada a fazer, “deu-lhe uma boa surra”. Depois, por ela ter murmurado “qualquer coisa a respeito de espingardas que nunca eram usadas” (ACHEBE, 2009, p. 59) e seu marido ter ouvido tal comentário, ele aponta a arma na direção dela e aperta o gatilho, na presença de suas outras mulheres e filhos. Essa atitude contrasta com a de Eugene ao receber uma visita de um senhor idoso.

O que Anikwenwa está fazendo em minha casa? O que um adorador de ídolos está fazendo em minha casa? Saia da minha casa! [...] – Sabia que eu tenho a mesma idade do seu pai, gbo? – perguntou o velho, agitando no ar um dedo que queria estar na altura do rosto de Papa, mas só chegava até seu peito. – Sabia que eu mamei no peito de minha mãe enquanto seu pai mamava no peito da dele? – Saia da minha casa! – gritou Papa, indicando o portão. [...] – Ifukwa gi! – gritou. – Você é como uma mosca indo cegamente atrás de um corpo que vai ser enterrado! (ADICHIE, 2011, p. 78).

Ressaltando essa intolerância e a ignorância na aceitação dos costumes do outro, encontramos uma passagem na qual fica evidente a semelhança de alguns desses costumes tão condenados pelas duas partes aqui apresentadas. Kambili, numa das visitas que faz ao seu avô paterno Papa-Nnukwu, fica examinando-o, procurando sinais de sua diferença, como pessoa ímpia, tão apontada por seu pai. E vai além. Na sede de encontrar e justificar essa incoerência, ela afirma: “Não vi nenhum, mas estava certa de que eles deviam estar em algum lugar. Tinham de estar.” (ADICHIE, 2011, p. 71).

Não pudemos apresentar todas as duas obras com detalhes. Mas pelo menos o leitor fica com a ideia do conteúdo mais geral. Nota-se nas duas obras a importância da tradição e das culturas africanas. O sistema colonial alterou as formas

mais puras da vivência dos povos, alterando assim a cultura, impondo um processo de aculturação. Ao fazer referência à desintegração do mundo da personagem Kambili, Chimamanda nos conduz a conhecer os resultados ou efeitos que a colonização branca produziu em nome da prática da religião levada por missionários no início do processo de colonização da Nigéria.

Ao observarmos os dois autores podemos afirmar que são bastante representativos nas visões de mundo antagônicas e ferrenhas extremistas defensores de suas ideias. De um lado, Okonkwo, busca defender sua cultura a partir da chegada dos estrangeiros de pele, costumes e ideias diferentes, tendo, em favor deles, poderosas armas. Aqui se estabelece significante semelhança ao constatar que Eugene, o outro protagonista, também defende arduamente uma visão de mundo contrária, a do branco, agora fruto desse processo tão questionado inicialmente por Okonkwo.

Para garantir a coesão do “Outro” diante das vicissitudes do mundo moderno, o colonizado foi incentivado a receber e compartilhar as benesses da civilização. Para o colonizado, esse futuro promissor foi sempre preterido (BONNICI, 2009). Vejamos essa relação entre o colonizador e o colonizado no Quadro 1:

Quadro 1: O Outro e o outro no sistema colonial

OUTRO (O COLONIZADOR)	Outro (O COLONIZADO)
1. O centro imperial (a) constrói o sistema pelo qual o sujeito colonizado forma a sua identidade como dependente ou outro; (b) toma-se a única estrutura pela qual o sujeito colonizado compreende o mundo.	1. O outro é formado por discursos de (a) primitivismo; (b) canibalismo; (c) separação binária entre o colonizador e o colonizado; (d) afirmação da supremacia da cultura, ideologia e visão do mundo do colonizador.
2. Representa o Outro Simbólico e a <i>Lei-do-Pai</i> (conforme a terminologia de Lacan).	2. O sujeito colonizado é “filho” do império e o sujeito degradado do discurso imperial.

Fonte: Bonnici (2009, p. 264)

Enquanto o colonizado faz uma adesão completa à cultura do branco, a professora universitária, outra personagem do livro de Chimamanda, apresenta uma postura de dualismo, ou seja, alia a fé cristã ao respeito pela realidade do povo, reconhecendo assim outras possibilidades de vida e de amor. Como consequência dessa avassaladora aculturação, Adichie cria um personagem dominado pela cultura do branco. A conversão de Eugene a uma religião monoteísta, torna-o totalmente intolerante à religião de seus antepassados, rompendo a

relação entre ele e Papa-Nnukwu, que oferecendo resistência à chegada dos missionários europeus, continuava oferecendo culto a seus deuses, sendo assim considerado por seu filho um pagão.

Papa-Nnukwu contara a umunna que Papa se oferecera para construir uma casa, comprar um carro e contratar um chofer para ele, contanto que ele se convertesse e jogasse fora o chi e o altar de sapê que havia em seu quintal. Papa jamais cumprimentava Papa-Nnukwu, jamais o visitava, mas mandava maços de nairas para ele por intermédio de Kevin ou de um dos membros da umunna. Maços mais finos do que aqueles que Kevin recebia de bônus de Natal. “Não gosto de mandar vocês à casa de um pagão, mas Deus vai protegê-los – disse Papa.” (ADICHIE, 2011, p. 69).

Assim, essa relação rompida vai sendo mostrada mediante atitudes tomadas por Eugene quando informa que seus filhos irão, com prazo estipulado e um motorista como vigia, visitar o avô, por ocasião do Natal, mas que não devem tocar em nada, nem comer ou beber.

Terminamos esta seção apontando quatro pontos importantes a reter: (1) os fatos fictícios apresentados nas duas obras representam realidades sociais vivenciadas pelos povos africanos; (2) nas duas obras, fica evidente que os povos africanos lutam contra o mal, mas ao mesmo tempo cedem ao processo de aculturação que chegou com muita força para desintegrar a união entre as comunidades; (3) as duas obras atribuem o destino dos personagens à história, mas também ao invasor europeu; (4) e as duas obras valorizam e preservam o que consideram bom nas suas tradições, o que é positivo e pode ser aproveitado.

3. Algumas marcas linguísticas em contos africanos

A literatura é uma arte. Por essa razão, muitos escritores procuram embelezar os seus textos com rimas, figuras de estilos e outros artefatos técnico-linguísticos que tornam a obra mais característica e própria do autor. Os textos de Guimarães Rosa, de Mia Couto, José Saramago, José Luandino Vieira, e muitos outros escritores lusófonos, fizeram seus textos observando o valor estilístico. A partir dessas considerações, podemos afirmar que a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada.

Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo. (CANDIDO, 2006; CARDOSO FILHO, 2011).

Na obra *Hibisco roxo* observa-se que o narrador é participante e ele exerce um papel importante na história. No texto, observa-se várias marcas linguísticas das línguas de origem africana. As línguas nigerianas são da família Níger-congo. O país é um dos mais extensos países da África: (923.768 km²) sob ponto de vista territorial, convivendo nesse espaço territorial cerca de 400 línguas, segundo Aito (2005), enquanto Blench (2012) relata 520 línguas.

A obra de Adiche apresenta algumas marcas de oralidade, onde se nota a tendência de aproximá-la dos leitores. Por exemplo: a) “...Nne, nne, mãe, mãe...” (p.172); b) “...sim, sinhô! Brigado, sinhô!...” (p.63); c) “...Oh, nha m estou feliz, sim...” (p.54); d) “...O melora! Bona dia, sinhô!...” (p. 62)

Nota-se, nas obras, a presença de palavras e expressões de línguas africanas. Os estrangeirismos são palavras provenientes de outras línguas que preenchem o espaço vazio pelo fato de não existir uma palavra equivalente na língua. Mas também o estrangeirismo pode vir em função de estilo, quando existir uma palavra correspondente na língua. Vejamos alguns exemplos extraídos da obra *Hibisco roxo*: a) “...Ekene nke udo...ezigbo nwanne mnye m aka gi...” (p.255); b) “...Joe gritou “mwanyi oma para a mulher...” (p.252); c) “...Mechie ONU-disse Amaka, mandando Obiora calar”(p.236); d) “...a trazer os pratos de moi-moi, arroz jollof...” (p. 28); e) “...fui a park lane ontem me consultar...” (p.26); f) “...ka m bunie afa gi enu...” (p.135).

Observam-se, nas obras, formações de palavras por justaposição. Identificaram-se alguns exemplos: a) “...Mas se um homem-grande roubou o dinheiro...” (p.142); b) “...Cheia de bolotas marrom-esverdeadas. Minha cabeça...” (p.136); c) “...os sacos de arroz, gari e feijão e as bananas-da-terra vão ao volvo...” (p. 61); d) “... pediram que nos deixasse visitar papa-nnhkwu cumprimentá-lo...” (p.69).

É importante observar que as personagens dos contos usam expressões das línguas africanas. Essa atitude revela marcas de identidade que os personagens pretendem deixar ao leitor. Deixam

a impressão de que eles têm uma língua, apesar de ter sido imposta uma outra pelo colonizador. Há que considerar que as línguas são entidades independentes. O que significa que há situações ou fenômenos que não podem ser traduzidos, pois se assim for, o sentido da frase pode se perder.

A língua é ao mesmo tempo cultura e responde às necessidades comunicativas dos seus falantes. Desta forma, as personagens procuram marcar essa cultura trazendo interjeições e expressões características das línguas nigerianas. Seria estranho se os personagens nigerianos trouxessem características linguísticas do inglês ou do português. Apesar da tradução do inglês para português, os contos de Adichie e Achebe carregam consigo marcas sociolinguísticas que devem ser reconhecidas e consideradas em sala de aula.

4. O ensino da literatura africana com propósito de trabalhar a identidade cultural e linguística

Trazer textos literários para a sala de aula não é tarefa fácil, num momento em que as pessoas dão pouco valor ao livro, por causa das novas tecnologias (telefone, computador, tablet, smarthphone, etc). O trabalho com a literatura em sala de aula exige organização do professor, na seleção das obras e na respectiva explicação sobre o que fazer, e como ler. É preciso mostrar que qualquer obra literária é formada por meio do entrelaçamento de registros linguísticos e estéticos. Além disso, é importante que o aluno tenha a liberdade de selecionar seus próprios textos, a partir de suas experiências prévias de leitura, no sentido de descobrir o prazer de ler (SILVA, 2003).

É preciso que a escola amplie suas atividades visando à leitura da literatura como atividade lúdica de construção e reconstrução de sentidos. O aluno-leitor deve sentir-se motivado a ler o texto, independentemente da imposição das tarefas escolares requeridas pelos professores. Contudo, parece-nos que o contexto escolar privilegia mais o ensino da literatura, no qual a leitura realizada pelos professores é diferente daquela efetivada pelos alunos, pois a diversidade de repertórios, o conhecimento de mundo, e as experiências de leitura influenciam diretamente o contato do leitor com o texto. Tanto a leitura, quanto o ensino da

literatura deveriam estar presentes no contexto escolar de modo articulado, pois são dois níveis dialogicamente relacionados (SILVA, 2003).

Importa-nos retomar as atividades propostas por Machado (2010, p.54) que podem ser aplicadas no estudo da literatura: 1º Explorar o conhecimento prévio dos alunos sobre as questões das africanidades; 2º formação de grupos e discussão sobre as personagens da narrativa; 3º Instigar os alunos sobre a relação do título da obra com a narrativa lida e ao final – trabalhando juntamente com a disciplina de educação artística; 4º Com o auxílio do professor, os alunos deverão fazer uma adaptação para o teatro do texto moçambicano; 5º discutir, em sala de aula, a questão da literatura oral, dos relatos dos personagens e de como eles são importantes para a formação de um povo. Relacionar com a situação de nosso país; estabelecer relações de semelhanças e diferenças; 6º Nesse momento, os alunos poderão verificar como vivem essas pessoas, no dia a dia, além de se depararem com fantásticas histórias que só quem já viveu muitos anos pode nos contar.

A identidade social e linguística está presente nas obras literárias, mas o aluno não consegue enxergar. Necessita do apoio do professor para aprofundamento e explicação clara dos objetivos a serem atingidos. Sabe-se que as histórias contadas são fictícias, mas podem representar uma realidade social que se verifica nos nossos tempos. O importante é guiar e orientar ao aluno para que não se perca na sua leitura. Os jovens e adolescentes preferem jogos da internet e outros virtuais, dando pouco valor ao texto escrito, o literário. Cabe ao professor incentivar e os pais reforçarem esses hábitos inculcando e sugerindo obras literárias no seio familiar.

Conclusão

A aula de Literatura Africana deve proporcionar ao aluno um momento de reflexão, discussão e interação com professores e colegas sobre aspectos da cultura e tradições africanas. A análise dessas duas obras permitiu perceber a intenção e/ou função dos autores pós-colonialistas, principalmente no que tange à religiosidade e ao desejo de problematizar melhor as religiões ibo e cristã, podendo ser melhor

compreendida a partir das palavras do próprio autor que alerta sobre a falta de questionamento nessa relação de intolerância e insensatez, muitas vezes praticadas pelos dois lados, tomando sempre como referência somente sua história.

Em Achebe e mais recente com Adichie encontramos verdadeiros discursos que desconstruem o “conhecimento” sobre a cultura africana cristalizado na forma de hegemonia do discurso ocidental. As relações de colonialismo estabelecidas entre os colonizadores/opressores e colonizados/oprimidos, remetem à violência imposta aos colonizados e, principalmente, à introjeção da visão de mundo do opressor pelos dominados como universal e de forma naturalizada pela ideia de missão civilizadora.

Ao lê-los, percebemos, no que tange à religiosidade, como ela pode ser extremamente invasiva e destruidora na medida em que considera a religião do negro, comparada à do branco, irracional, rude, cruel em suas práticas, mostrando todo um constructo negativo que legitima o controle e a necessidade de mudanças dos costumes através da conversão e da adoção de novas práticas. Tudo isso praticado em nome da pacificação das tribos primitivas do Baixo Níger, expressão com que ironicamente Achebe conclui sua obra.

É essa integração entre o texto literário e a dimensão sociocultural que a escola deve proporcionar aos alunos, levando-os a perceber as possibilidades de significação que o texto literário permite, enquanto objeto artístico polissêmico que transgride normas e regras, envolvendo o leitor num jogo de construção/reconstrução de sentidos. A escola ensina a literatura apenas para o aluno passar no vestibular, sem compreender o fenômeno literário à luz de uma perspectiva mais ampla que considere a natureza interdisciplinar da leitura literária, a função social da literatura como um meio de conhecer o universo transfigurado, reinventado no texto. Por isso que Martins (2006, p.85) reforça que “é preciso que a escola amplie mais suas atividades, visando à leitura da literatura como atividade lúdica de construção e reconstrução de sentidos.”

Referências bibliográficas

ACHEBE, Chinua. *O mundo se despedaça*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Hibisco roxo*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

AITO, Emmanuel. National and Official Languages in Nigeria: Reflections on Linguistic Interference and the Impact of Language Policy and Politics on Minority Languages. In: James Cohen, Kara T. McAlister, Kellie Rolstad, and Jeff MacSwan (Eds.). *Proceedings of the 4th International Symposium on Bilingualis*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2005, p.18-38.

BLENCH, Roger. *An atlas of nigerian languages*. Cambridge: K.W. E.F., 2012.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009. p.257-285.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 11 jun 2016.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARDOSO FILHO, António. *Teoria da literatura*. São Cristóvão: EdUFS/CESAD, 2011.

CARVALHO, Francine Adelino. *Formações identitárias no pós-colonialismo: quem é o sujeito negro?* Teias, Rio de Janeiro, ano 11, nº 21, pp.1-8, 2010.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MACHADO, Eduardo Pereira. Literatura africana em sala de aula: abordagens do insólito no romance *A varanda do Frangipani*, de Mia Couto. *Revista Semioses*, Rio de Janeiro, v.1, nº7, p.49-56, 2010.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. (Org.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006. p.83-102.

NUNES, Susana Dolores Machado. *A milenar arte da oratura angolana e moçambicana: aspectos estruturais e receptividade dos alunos portugueses ao conto africano*. 1ªed. Porto: CEAUP, 2009.

PINHEIRO, Hélder. Reflexões sobre o livro didático de literatura. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. (Org.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006. p.102-116.

SILVA, Alberto da Costa. Introdução. In: ACHEBE, Chinua. (Org.). *O mundo se despedaça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SILVA, Ivanda Maria Martins. *Literatura em sala de aula: da teoria literária, a prática escolar*. Anais do Evento PG Letras 30 Anos. v.1, n.º, p. 514-527, 2003.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Teoria da literatura*. 10ªed. São Paulo: Ática, 2007.

TRIGO, Salvato. *Introdução à literatura angolana de expressão portuguesa*. Porto: Brasília, 1996.
UNHCR/ ACNUR. Dados sobre refúgio no Brasil. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 29 out. 2016.

Recebido em 30/10/2016

Aceito em 12/12/2016